

A província de Trás-os-Montes tem sido considerada, desde as colectas de Leite de Vasconcelos, como a mais rica região portuguesa no que diz respeito à poesia oral. Esta afirmação é feita sobretudo a respeito do distrito de Bragança, onde, ao longo de mais dum século, se têm sucedido as recolhas, nomeadamente de romances. Pelo contrário, o distrito de Vila Real, embora seu vizinho, tem sido, paradoxalmente, muito menos explorado. Recentemente, saíram três importantes trabalhos provenientes de pesquisas feitas em Trás-os-Montes, duas delas precisamente no distrito de Vila Real.

Começemos pelo *Cancioneiro Tradicional de Trás-os-Montes*, publicado em 1998.¹ Nele em boa hora se compendiam os textos e as músicas provenientes de três recolhas levadas a cabo, há bastantes anos, em várias aldeias dos concelhos de Vinhais, Bragança, Vimioso e Miranda do Douro: a de Samuel G. Armistead (1980), a de Candace Slater (1980) e a de Israel J. Katz, com a colaboração de Zília Osório de Castro (1988).

A obra (que, pela zona geográfica pesquisada, talvez se pudesse intitular mais apropriadamente *Cancioneiro Tradicional do Distrito de Bragança*), depois dum prefácio dos organizadores (S. G. Armistead e M. C. Fontes), continua com três introduções separadas, em que os autores de cada uma das recolhas dão sobre estas numerosas e úteis informações. Gostaria, a propósito, de me referir a algumas palavras da introdução de Armistead, em que se diz:

Diferen sensiblemente entre sí las condiciones que atienden las encuestas en España y en Portugal. Nótese, por ejemplo, el papel del párroco como intermediario, que es muy necesario en Portugal, mientras suele no hacer falta —o aun ser contraproducente— en España (p. 6, nota 5).

Esta é uma afirmação que, à força de repetida (inclusivamente por autores que nunca recolheram em Portugal), acabou por adquirir foros de axioma. Ora a verdade é que, se o papel do padre foi muito importante nas recolhas de Fontes, da malograda Joanne B. Purcell e de Armistead, o mesmo não aconteceu em muitas recolhas de outros autores. Por exemplo, nunca nas pesquisas que levei a cabo quer no Continente (distritos de Vila Real, Bragança, Lisboa, Portalegre, Beja e Faro) quer nas Ilhas (arquipélagos dos Açores e da Madeira) senti necessidade de recolher à ajuda do pároco, e, segundo me informa Pere Ferré, o mesmo se passou nas suas numerosas recolhas em diferentes regiões do País. E, no entanto, todos estes trabalhos de campo se desenrolaram com completa normalidade e proporcionaram óptimos resultados.

* Centro de Estudos Ataíde Oliveira. U. C. E. H. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8000-810 Faro. Portugal. <jjmarq@ulg.pt>

¹ Samuel G. Armistead e Manuel da Costa Fontes (orgs.), *Cancioneiro Tradicional de Trás-os-Montes*, textos recolhidos por Samuel G. Armistead, Zília Osório de Castro, Israel J. Katz e Candace Slater, transcrições musicais de Israel J. Katz, Madison, Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1998.

Às introduções, segue-se um mapa da região, com a indicação das aldeias visitadas, e várias fotografias dos informantes e dos colectores. Apresenta-se ainda uma foto do etnomusicólogo norte-americano Kurt Schindler (o primeiro que, em 1932, realizou gravações fonográficas em Trás-os-Montes) e a reprodução dum dos seus manuscritos (com a transcrição da música duma canção mirandesa).

Os textos de literatura oral contidos no presente cancioneiro foram divididos pelos organizadores (segundo um critério misto baseado nos géneros literários e na utilização prática das canções) em “Romances e canções narrativas”, “Laços dos pauliteiros”, “Canções de roda” e “Canções líricas”. Se adoptarmos uma classificação exclusivamente genológica, teremos que o material compreende romances (179 versões de 49 temas), canções narrativas (24 versões de 11 temas) e canções líricas (39 versões de 34 temas). A transcrição foi feita com todo o cuidado (visível, sobretudo, nos textos mirandeses ou bilingues) e as versões são acompanhadas pelas informações indispensáveis quanto ao informante, lugar, data de recolha e colector. Os temas romancísticos são designados pelos títulos habitualmente usados pela crítica actual e acompanhados pelos números que os identificam no catálogo português de Fontes e no catálogo sefardita de Armistead.

As pp. 215-228 são ocupadas por importantes informações bibliográficas e comentários sobre os temas e versões publicados. Seguem-se os índices: de temas (segundo a numeração dos catálogos acima referidos), de informantes e respectivos reportórios, de títulos de temas e de primeiros versos.

A parte final da obra, da autoria de Israel J. Katz, é dedicada à música, incluindo um estudo etnomusicológico (pp. 275-86), 90 transcrições musicais e oito índices (de estruturas formais, modos e escalas, âmbito, etc.).

Num balanço geral, permito-me fazer minhas as palavras de Armistead e Fontes em determinada passagem do prefácio: “Pensamos que, no seu conjunto, o produto textual destes três inquéritos, notavelmente enriquecido pelas exaustivas transcrições musicais, merece a atenção dos nossos colegas, colaboradores internacionais na tarefa comum de documentar, para as gerações futuras, o Romanceiro e o Cancioneiro pan-ibéricos nesta época do seu ocaso” (pp. 3-4).

Debrucemo-nos agora sobre a obra de António da Eira *O Romanceiro ou a Cantiga das Segadas*, publicada em 1999.² Trata-se duma pequena mas importante colecção de romances, recolhida fundamentalmente no concelho de Chaves, nos já longínquos anos 50. Desta colecção existiam apenas breves notícias e (permita-se-me a referência pessoal), desde há mais de 10 anos, quando tomei conhecimento da morada do Sr. Eira, várias vezes insisti com ele para que desse à estampa estes materiais. Os anos foram passando, e quando já tinha pouca esperança de a ver surgir, quebrou-se finalmente o enguiço de mais 40 anos, e obra aí está finalmente.

O livro inicia-se com uma “Introdução”, em que o autor apresenta as segadas e o canto de romances que, em Trás-os-Montes, sempre as acompanhava (e que, diga-se à margem, permitiu a esta região manter, até há pouco, o riquíssimo reportório que lhe concedia o primeiro lugar no romanceiro português). Seguem-se outros dois textos (“Estudos” I e II), em que o autor se debruça sobre o romanceiro e as suas origens. Pena é que o entusiasmo que sente pelo assunto o leve, em determinado ponto, a aventar a hipótese (por ele próprio, aliás, classificada de

² António da Eira, *O Romanceiro ou a Cantiga das Segadas*, Chaves, Câmara Municipal de Chaves, 1999.

“temerária”) de que “ao menos parte ou partes do Romanceiro ainda teriam sido cantadas pelos lusitanos na língua de Virgílio” (p. 11).

Quanto aos textos, a obra contém 39 versões de 37 romances, e, além disso, em apêndice, 3 canções narrativas e 2 canções líricas (com uma versão de cada). Estes textos, recolhidos numa época em que o seu uso nas segadas era ainda perfeitamente habitual, são de muito boa qualidade, e deles destacaria o nº 36, *A Pastora Apaixonada por Cristo*, de que, até hoje, em Portugal (ver nº U44 do catálogo de Fontes), se conheciam apenas versões pouco claras, em que a história era incompreensível.

Os textos (transcritos, ao modo antigo, em versos curtos) não são acompanhados da referência do nome e idade do informante nem do lugar e data de recolha. É verdade que, no final da obra (p. 104), se afirma: “Todos os romances cuja fonte não é indicada no fim do texto, foram ditados pela senhora Adozinda de Jesus Preques [...] de Cimo de Vila [concelho de Chaves], com a idade de 76 anos” (e a data de recolha dessas versões, pelo que se depreende de duas passagens da introdução, parece ser 1955). As restantes versões procedem de duas aldeias vizinhas e de uma do concelho de Vila Real, todas elas indicadas. Porém, por esquecimento, não se mencionam a localidade e data de recolha das versões nºs 23 e 35 (provenientes de outros informantes que não de D. Adozinda).

Sublinhe-se que, num complemento sempre de louvar nos romanceiros (e que falta em muitos deles), este inclui 8 transcrições musicais, 3 das quais correspondentes a canções não incluídas na secção dos textos.

A obra termina com uma lista em que se apresenta a classificação de cada romance de acordo com o título e o número adoptados pelo *Índice General del Romancero Hispánico*.

Estamos, sem dúvida, em presença duma importante colecção, que, ao que sei, esteve para ser editada à custa do autor, numa tiragem muito reduzida. Bem-haja, pois, a Câmara Municipal de Chaves que, consciente das suas responsabilidades, se ofereceu para publicar o livro, dando-lhe, assim, a possibilidade duma mais ampla divulgação, que ele claramente merece.

Para terminar, falemos do recém-publicado I vol. (*Romanceiro*) da *Literatura Popular de Trás-os-Montes e Alto Douro*, de Joaquim Alves Ferreira.³ Este volume compreende 87 versões de 45 romances e, não obstante o seu título, inclui também versões de textos que não pertencem ao romanceiro: 38 versões de 27 canções narrativas e 38 versões de 34 canções líricas.

Várias das versões são muito interessantes a diferentes títulos. Por exemplo, a versão da *Nau Catrineta* das pp. 209-10 começa com uns versos de que não conheço paralelos e que parecem perfeitamente tradicionais, sendo talvez anteriores à “vulgarização” a que a versão de Garrett, difundidíssima em livros escolares, submeteu a tradição oral, fazendo com que hoje seja muito difícil determinar como seria, inicialmente, o romance em causa; outro texto da *Nau Catrineta* (pp. 207-8) é, sem grandes alterações, a versão, brasileira, gravada em disco por Vitorino, que, graças a esta obra, ficamos a saber ter entrado já na oralidade; a mesma curiosa origem discográfica parece ter, pelo menos em boa parte, a *Claralinda* das pp. 112-4, recolhida na mesma aldeia que a *Nau Catrineta*

³ Joaquim Alves Ferreira, *Literatura Popular de Trás-os-Montes e Alto Douro*, I: *Romanceiro*, [Vila Real], edição do autor, 1999.

citada em segundo lugar e, muito provavelmente, do mesmo informante; a versão do *Regresso do Navegante* (pp. 200-203) é, fundamentalmente, a versão do *Romanceiro* de Garrett, embora com várias variantes (nomeadamente a inclusão de versos) que parecem eruditas, pelo que a entrada do texto na oralidade se deve ter feito a partir duma fonte diferente, que interessaria determinar.

Nas canções narrativas, gostaria de destacar um longuíssimo texto (pp. 229-244), de cariz erudito, curiosa versificação romântica do conto tradicional *O Sabor dos Sabores* (Aa./Th. nº 923). Aliás, nesta obra existem outros poemas narrativos cultos de tema medieval ou popular, nomeadamente *O Ermitão do Pilar* (pp. 96-100) e *A Bruxa da Montanha* (pp. 223-7), que mostram a difusão popular de que desfrutaram as baladas românticas (ou tardo-românticas) e que seria muito importante estudar. Se estes dois textos não apresentam grandes marcas de tradicionalização, já o mesmo se não pode dizer de outras duas versões provenientes, elas também, de poemas narrativos românticos (esses já identificados), que entraram mais profundamente na oralidade de várias províncias: *A Umbelina* (pp. 181-2) e *A Noiva Atraçoada* (pp. 163-4), que têm como origem, respectivamente, a tradução feita por Alexandre Herculano duma balada erudita inglesa setecentista e a tradução, por Cipriano Jardim, duma balada tradicional alemã.

Quanto às canções líricas, de tema religioso ou profano, destacaria aquelas que usam uma estrutura paralelística de origem claramente medieval, por exemplo *Ó pastores que andais na serra* (p. 16) e *Jesus Cristo está no horto* (pp. 27-8).

Infelizmente, a organização da obra merece vários reparos. Na verdade, os textos não apresentam nunca o nome do informante nem a data da recolha. Teria sido também de toda a justiça indicar o nome dos respectivos colectores, já que, como Alves Ferreira deixa entrever no prólogo (p. 5), alguns dos textos foram conseguidos por antigos alunos seus da Escola do Magistério Primário de Vila Real. Quanto ao local de recolha de cada texto, se é verdade que a maior parte deles traz essa indicação, a verdade é que muitos não a possuem. Diga-se, a propósito, que a esmagadora maioria das versões geograficamente identificadas é do distrito de Vila Real, sendo algumas, mas muito menos, do distrito de Bragança e da parte duriense do distrito de Viseu. São ainda incluídas duas versões procedentes do distrito do Porto.

Quanto aos textos propriamente ditos, na sua transcrição foi adoptado o antigo método da divisão em versos curtos. Bem mais criticável, porém, é o facto de algumas das versões (ver, por exemplo, pp. 106, 117, 125, 165 ou 222) constituírem textos factícios, formados com versos provenientes de duas versões distintas. É, pelo menos, o que parece depreender-se do facto de, nessas versões, ao fornecer a respectiva origem geográfica, o autor indicar os nomes de duas aldeias (por exemplo: “De Nespereira —Lamego e de Friões —Valpaços”, p. 117).

A arrumação dos textos necessitaria de vários melhoramentos, que corrigissem factos como o de versões do mesmo texto que estão colocadas em lugares diferentes (por exemplo, o texto da *Pobreza de Nossa Senhora* da p. 12 está separado dos seus “irmãos” das pp. 61-63) ou de versões que estão mal classificadas e foram incluídas em grupos de versões de outros temas a que não pertencem (o caso mais estranho é o do texto da *Infantina + Cavaleiro Enganado + D. Boso*, pp. 156-7, que, surpreendentemente, surge integrado no conjunto de textos do *Deus te salve, Rosa*).

Vários dos romances são antecidos por comentários do autor, que, com frequência reproduzem afirmações escritas por Garrett em 1851, sobre a origem geográfica ou temporal do romance em causa, hoje naturalmente ultrapassadas. Assim, por exemplo, a *Nau Catrineta*, que desde há muito a crítica, com fortes razões, afirma ser de origem francesa (e que existe também na Catalunha), é considerada nesta obra como tendo nascido em Portugal, no séc. XVI, sendo um romance “bem português”.

O livro é complementado com 9 transcrições musicais, numa preocupação sempre de aplaudir.

Para terminar, citarei algumas palavras que o autor escreve no prólogo: “A ordem [dos textos] e os comentários são discutíveis. Mas isso [...] é secundário: o importante são os textos” (p. 5). Em substância, tal afirmação é aceitável; porém, não deixa de ser uma pena que, no fim do séc. XX, surja um romanceiro pensado como se estivessemos em pleno séc. XIX. É claro que um colector de literatura oral, ainda que bom, não tem obrigação de ser um especialista na matéria, mas é muito aconselhável que, na altura de publicar os materiais, recorra à colaboração de alguém que possa organizar a obra dum modo científico.

Este volume apresenta-se como o primeiro duma série que, segundo informação fornecida na badana, compreenderá outros quatro, dedicados a “Cancioneiro”, “Devocionário”, “Miscelânea” e “Lendas e Contos Infantis”. Estamos, pois, em presença duma colecção que, sem dúvida, trará muitas novidades sobre a tradição oral do distrito de Vila Real, até hoje tão mal conhecida. Bom seria que os restantes volumes pudessem ser organizados dum modo mais actualizado. Os textos em boa hora salvos do desaparecimento pela tão meritória intervenção de Joaquim Alves Ferreira sem dúvida que o merecem.